

A CONTRIBUIÇÃO DA “ESCOLA CARIOCA” E DA “ESCOLA PAULISTA” PARA A ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA

Mauricio da Rosa Schervesnquy¹; Magali Nocchi Collares Gonçalves²

¹ Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário da Região da Campanha, URCAMP, mauricioschervesnquy@gmail.com;

² Doutora em Teoria, História e Crítica da Arquitetura, Centro Universitário da Região da Campanha, URCAMP, magaligoncalves@urcamp.edu.br

RESUMO

A arquitetura moderna brasileira ganhou destaque internacional ao longo do século XX, principalmente pela atuação da Escola Carioca e da Escola Paulista. A primeira surgiu no Rio de Janeiro na década de 1930, buscando conciliar modernidade e identidade nacional, ao reinterpretar elementos da tradição em diálogo com princípios modernos. Já a Escola Paulista consolidou-se a partir do final da década de 1950, em São Paulo, com base no uso do concreto aparente, na ênfase estrutural e em uma concepção de arquitetura voltada à industrialização e à função social. Além disso, esteve associada aos debates sobre o brutalismo, que no Brasil assumiu caráter próprio. Apesar das diferenças, ambas contribuíram para afirmar a autonomia e a relevância da arquitetura moderna brasileira, revelando a diversidade e a complexidade de sua produção e consolidando o país como referência no panorama arquitetônico do século XX.

Palavras-chave: Escola Carioca; Escola Paulista; Brutalismo; Arquitetura moderna brasileira;

INTRODUÇÃO

A arquitetura moderna brasileira desenvolveu-se ao longo do século XX com o reconhecimento internacional. Duas correntes destacaram-se nesse processo: a chamada *Escola Carioca*, liderada por arquitetos como Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, e a *Escola Paulista*, estruturada a partir da atuação de Vilanova Artigas e de uma geração de arquitetos paulistas, entre os quais destaca-se Paulo Mendes da Rocha. Duas escolas das quais diferenciaram-se

em termos formais e técnicos, como revelaram distintas concepções sobre o papel da arquitetura no desenvolvimento nacional.

A *Escola Carioca*, surgida no Rio de Janeiro a partir da década de 1930, esteve vinculada à busca de uma linguagem arquitetônica que fosse moderna e nacional, reinterpretando a tradição luso-brasileira e incorporando princípios da arquitetura corbusiana. Já a *Escola Paulista*, consolidada a partir da década de 1950, em São Paulo, descartou-se pelo emprego do concreto armado aparente e pelo foco na técnica e na estrutura, revelando preocupações ligadas à industrialização e à função social da arquitetura.

Sendo assim, compreender as contribuições das duas escolas permite não apenas identificar as diferenças regionais na produção moderna brasileira, mas também avaliar de que modo ambas se relacionam com os debates internacionais, como a tendência brutalista, e como contribuíram para a formação de uma arquitetura de alcance global.

METODOLOGIA

A pesquisa baseia-se a partir de revisão bibliográfica, fundamentada em revisão crítica de textos acerca da arquitetura brasileira que tratam das Escolas Carioca e Paulista. A análise adota uma abordagem qualitativa e comparativa e busca identificar as características formais, conceituais e técnicas de cada escola, o contexto histórico e político em que se desenvolveram, as obras que melhor exemplificam essas tendências e as relações entre essas correntes e a tendência internacional do brutalismo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A *Escola Carioca* surge no Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1940, tendo como marco inicial o projeto do Ministério da Educação e Saúde, atual Palácio Gustavo Capanema (1936–1943). Segundo João Masao Kamita (2001), essa escola se destaca pela combinação inventiva de volumes e pela expressividade no uso das curvas em diálogo com as curvas retas. O crítico destaca, ainda, o sentido de exuberância e extroversão dessas obras, que souberam reinterpretar o passado como base para sustentar uma arquitetura moderna e inovadora.



Figura 1: Palácio Gustavo Capanema. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/3578/restauro-do-palacio-capanema-valoriza-icone-da-arquitetura-moderna>. Acesso em: 29 set. 2025.

As obras de Oscar Niemeyer, como o Conjunto da Pampulha (1940–1943), em Belo Horizonte, e o Pavilhão do Brasil na Feira Internacional de Nova York (1939), em parceria com Lucio Costa, expressam a tendência à exuberância formal e à busca de um estilo brasileiro. Já projetos como o Conjunto Habitacional do Pedregulho (1950–1952), de Affonso Reidy, revelam a preocupação social que também marcou parte dessa produção. Reconhecida

internacionalmente pela exposição Brazil Builds, do Museu de Arte Moderna de Nova York, em 1943, a *Escola Carioca* projetou uma imagem de brasilidade moderna e consolidou a posição do Brasil na arquitetura do pós-guerra.



Figura 2: Igreja da Pampulha, no Conjunto da Pampulha. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/conjunto-moderno-da-pampulha-completa-80-anos>. Acesso em: 29 set. 2025.



Figura 3: Pavilhão do Brasil na Feira Internacional de Nova York. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/615845/>. Acesso em: 29 set. 2025.



Figura 4: Conjunto Habitacional do Pedregulho. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/20.240/8097> Acesso em: 29 set. 2025.

A *Escola Paulista* desenvolveu-se a partir do final da década de 1950, tendo em Vilanova Artigas seu principal expoente. Formado pela Escola

Politécnica da USP em 1937, Artigas buscava conciliar a arquitetura moderna com um projeto político de desenvolvimento nacional. A partir de obras como a Casa Baeta (1956) e o Edifício da FAU/USP (1961–1969), estabeleceu uma linguagem marcada pelo uso do concreto aparente, pela adoção de grandes vãos estruturais e pelo emprego de rampas. Mais do que estética, tais características revelavam a aposta na industrialização da construção civil e racionalização dos processos construtivos.



Figura 5: Casa Baeta. Disponível em: <https://www.nelsonkon.com.br/casa-baeta/>. Acesso em: 29 set. 2025.



Figura 6: Edifício da FAU/USP. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-12942/>. Acesso em: 29 set. 2025.

Segundo Hugo Segawa, a consolidação da arquitetura paulista está intrinsicamente ligada à atuação da FAU/USP, criada em 1948. Nos anos 1960, a escola tornou-se centro de debates sobre a definição de um currículo mínimo para os cursos de arquitetura no país. Nesse contexto, Vilanova Artigas propôs um novo modelo pedagógico, implantado em 1962, que passou a orientar também outras instituições. A proposta colocava o projeto, em suas diferentes escalas, como eixo central da formação, tendo o estúdio ou ateliê como espaço privilegiado para a prática e a reflexão arquitetônica.

Além de Artigas, outros nomes se destacaram como Paulo Mendes da Rocha, Abrahão Sanovicz, João Walter Toscano e Ruy Ohtake, ampliando a diversidade e a força da produção paulista. Mendes da Rocha, em especial, com obras como o Clube Atlético Paulistano (1958), tornou-se referência internacional pela radicalidade formal e pelo engajamento crítico de sua arquitetura. Luiz Recamán (2006) defendeu a tese de que a obra de Paulo Mendes da Rocha radicaliza a distância entre a produção paulista e carioca. Ao compará-lo a Oscar Niemeyer, caracteriza o primeiro como representante de uma prática marcada por outros desafios e repertórios, enquanto o segundo sintetizaria a busca de uma identidade nacional dentro do modernismo brasileiro. Segundo o crítico, “afastam esses mestres não apenas uma geração, mas os desafios a que respondem no momento de formação de seu repertório arquitetônico”.

O brutalismo surge no cenário internacional no pós-Segunda Guerra, tendo em Le Corbusier e sua Unité d’Habitation (1947–1952) um marco fundador. No entanto, como destaca Reyner Banham, não há precedência temporal ou conceitual entre o brutalismo inglês e as demais experiências internacionais. As arquiteturas brutalistas em diferentes países e regiões são contemporâneas e configuram um panorama múltiplo, conectado apenas lateralmente, situação que o autor define como uma “conexão internacional brutalista”. No Brasil, essa tendência se manifesta tanto no Rio de Janeiro, em obras como o Museu de Arte Moderna (1953), de Reidy, quanto em São Paulo, na Casa Baeta (1956), de Artigas, sendo, contudo, mais fortemente associada à produção paulista.



Figura 7: Unité d'Habitation. Disponível em: <https://www.whitemad.pl/en/unite-dhabitation-le-corbusiers-revolutionary-dwelling-machine/>. Acesso em: 29 set. 2025.



Figura 8: Museu de Arte Moderna. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/758700/>. Acesso em: 29 set. 2025.

As diferenças entre as duas escolas são evidentes: enquanto a *Escola Carioca* buscava uma linguagem de caráter nacional, conciliando modernidade e tradição, a *Escola Paulista* enfatizava a técnica e a estrutura como instrumentos de transformação social. Ainda assim, ambas revelam inter-relações, como o diálogo entre cultura e técnica e a busca por afirmar uma arquitetura moderna de caráter autônomo e comprometido com o desenvolvimento do país.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das Escolas Carioca e Paulista revela que ambas desempenharam papel central na consolidação da arquitetura moderna brasileira. A primeira, ao projetar internacionalmente uma imagem de brasilidade moderna, marcada pela plasticidade das formas e pela articulação entre tradição

e inovação. A segunda, ao reafirmar a função social da arquitetura por meio da técnica e da estrutura, configurando um brutalismo de caráter singular e autônomo.

Se a *Escola Carioca* representou o auge da visibilidade internacional da arquitetura brasileira no imediato pós-guerra, a *Escola Paulista* reafirmou sua relevância no período pós-Brasília, assegurando continuidade e aprofundamento crítico. Juntas, essas duas correntes demonstram a diversidade, a riqueza e a complexidade da produção arquitetônica brasileira no século XX, contribuindo de maneira decisiva para a história da arquitetura moderna em escala global.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria Alice Junqueira, e ZEIN, Ruth Verde. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

LEMOS, Carlos, A. C. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo, Editora Melhoramentos, 1979.

PENTEADO, Fábio Penteado. **Ensaio de Arquitetura**. São Paulo: Editora das Artes, 1998.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil – 1900–1990**. São Paulo: EDUSP, 1997.